Anais Eletrônicos da Semana de Teologia | ISSN 2238-894X
XXII Semana de Teologia | Simpósio Internacional de Mariologia | Maria no Mistério de Cristo e da Igreja
Recife, 10 a 12 de maio de 2017

AS DIMENSÕES DA EXISTÊNCIA HUMANA EM EPICURO

Edson Pereira da Silva[1]

Introdução

Dentre as obras de Epicuro, a *Carta a Meneceu* se destaca, além das outras, por tratar de questões últimas do ser humano. Isso é evidente em seu pensamento que não busca uma vida baseada numa filosofia teórica, mas, numa filosofia prática, destinada a dar ao ser humano a capacidade de viver uma vida boa e afortunada, e daí afirmar-se resignadamente frente às aporéticas existenciais, que preocupa todo ser humano. E neste sentido podemos afirmar: que a filosofia e a religião estão intrinsecamente relacionadas, pois ambas tratam de questões últimas da existência humana (TILLICH, 2009, p. 81).

Cabe aqui destacar que o autor, na sua infância, viveu debaixo de um ambiente religioso e filosófico, e pôde extrair de ambas algumas percepções, sobre sua principal preocupação filosófica: a existência humana (SPINELLI, 2009, p. 22, 124). Por isso buscaremos a partir desta perspectiva apresentar aquilo que deu origem a esse texto: As dimensões da existência humana em Epicuro.

Propomos: apresentar em primeiro lugar, a filosofia em Epicuro, como uma dimensão que confere ao ser humano plenitude de uma vida feliz. Expor em segundo lugar, a dimensão do problema relacionado à concepção do Divino, que de acordo com o mestre do jardim: as imagens e os conceitos que seus contemporâneos atribuíam ao Divino era distorcida. A terceira dimensão é a morte, Epicuro afirma: que a morte deve ser encarada sem medo, pavor ou angústia. Por último, a dimensão do prazer, que para ética de Epicuro é considerada um valor, um bem, um *telos*.

[1] Mestrando no programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Graduado em Teologia (UMESP) e Pedagogia (UNOPAR). E-mail: edson.cienciasdasreligioes@gmail.com.

Dimensão filosófica

Embora à filosofia etimologicamente possa ser definida como amor ou amizade a sabedoria. No pensamento filosófico é perceptível a amplidão do seu significado. Segundo Empírico, a filosofia para Epicuro podia ser definida como: “uma atividade que por discursos e raciocínios, nos proporciona uma vida feliz” (EMPIRICO, Apud, ANDRÉ, 2001, p. 7). Na carta a Meneceu, ele orienta seu pupilo para que este tenha a filosofia como primazia em sua existência. Que não tenha medo de se dedicar a ela. Até porque não se dedicar a filosofia é se privar da felicidade, ou seja, adiá-la. A filosofia deve ser cultivada e desenvolvida em toda a nossa existência. Motivados por uma razão que é encontrarmos às bases para uma vida feliz (EPICURO, 2002, p. 21).

Além disso, a filosofia é encarnada numa dimensão espiritual que além de proporcionar saúde e transformação para uma vida feliz oferece os meios para sua realização (EPICURO, 2002, p. 21,23). As questões últimas que perturbam a humanidade como: Deus, morte, dor, prazer, etc. Impelem o ser humano a buscar meios para livrar-se e salvar-se de toda angústia e medo que lhe afugenta. Por isso, a filosofia de Epicuro não é apenas o cultivo e a busca da sabedoria em si, mas uma proposta de salvação, para “livrar o homem de seus medos dos fenômenos exteriores, a fim de que pudesse desfrutar a *ataraxia*” (BRUN, apud, SPINELLI, 2009, p. 33), que é viver com serenidade, tranquilidade no corpo e na alma independente das circunstancias da vida. É uma vida completa, a mais plena realização da vida humana – a felicidade. Não foi sem razão que o filósofo do jardim foi chamado de salvador, “porque fizera a coisa mais importante que alguém poderia fazer pelos seus seguidores: libertava-os da angústia” (TILLICH, 2007, p. 28).

Diferente das escolas filosóficas daquela época em que o ensino era destinado apenas à elite, Epicuro formou mais que uma escola, mais uma comunidade de amigos. Primeiro, porque nesta comunidade suas relações afetivas e de amizade caracterizavam uma família; segundo, porque ele não se apresentava como portador de um ensino exclusivista de filosofia e como o único mestre; terceiro, na comunidade, seu objetivo era dar as pessoas condições de pensar e viver com serenidade e não formar uma elite de pensadores (SPINELLI, 2009, p. 31-33).

A comunidade do jardim era aberta a qualquer pessoa que desejasse participar (EPICURO, 2002, p. 21). Seus ensinamentos, máximas e princípios se

destinam a todos. Segundo Spinelli (2009, p. 140): “Suas máximas e princípios se dirigem a todos, sem qualquer “contraindicação”, quer referente às idades (se jovem ou velho) quer ao sexo (se homem ou mulher: se dama de família ou cortesã pública)”. O que o filósofo do Jardim promoveu foi uma abertura democrática e inclusiva para uma formação filosófica que visava atender todas as dimensões da vida humana. Além de democrática e inclusiva, a comunidade do jardim tinha uma atenção voltada para o cuidado dos pobres, de modo particular aos desprotegidos, neste sentido a sua filosofia também esteve voltada e dedicada aos pobres (ESPINELLI, 2009, p. 168-169).

Dimensão divina

A formação de Epicuro em sua infância foi determinante para o seu pensamento filosófico e religioso, isso se deu em dois momentos: a primeira foi sob a tutela de seu pai, Neócles. Por viver em uma colônia e não nos grandes centros filosóficos como a Academia ou Liceu, onde se encontrava filósofos de origem aristocrática, a filosofia de Epicuro em nada correspondia com a filosofia destes centros. Sua educação básica ou fundamental que era a primeira fase preparatória de disciplinas requeridas para adolescentes em sua formação cidadã: gramática, retórica, aritmética e música se deram provavelmente aos cuidados de seu pai que era professor da colônia e seu primeiro contato com a filosofia se deu através de um filósofo desconhecido – Nausifanes (ESPINELLI, 2009, p. 73-74).

O Segundo momento foi sua formação religiosa, sob a tutela de sua mãe Queréstrata, adivinha e benzedeira. Na casa dos pobres ela tratava de exorcizar mau-olhado, tratar de doenças e oficiar ritos fúnebres, enquanto o pequeno Epicuro a seguia recitando fórmulas de propiciação. Foi nesse ambiente que Epicuro formulou e desenvolveu seu pensamento relacionado à divindade (ESPINELLI, 2009, p. 21, 22, 74).

Em sua carta a seu discípulo Meneceu, o filósofo do jardim apresenta alguns conceitos relativos à divindade que ia de encontro à maré teológica, filosófica e mais especificamente popular de sua época. E neste sentido sua visão do divino é subversiva, antagônica, transformadora e até mesmo herética e, desse modo contrariava a imagem popular e filosófica da sua época (REALE, 2001, p. 196).

Epicuro afirma que a divindade (ou divindades), em primeiro lugar deve ser concebida pela sua: imortalidade e felicidade (EPICURO, 2002, p. 23,25); em segundo lugar, o conhecimento divino é evidente, lógico e incontestável; em terceiro, o conhecimento da divindade é universal (REALE, 2001, p. 198). Em razão disso ele ataca a religião popular a partir de um conceito considerado pelo autor inconcebível. Desde Homero havia uma crença popular de que as ações humanas relacionadas à boa ou má sorte, ao sucesso ou fracasso estavam condicionadas à providência divina. Em outras palavras, a religião popular acreditava que o destino de suas vidas era determinado pelos deuses (REALE, 2001, 197). O objetivo filosófico e religioso de Epicuro era justamente trazer aos seres humanos aquele estado inerente ao divino: a felicidade. E assim afirmava: “nunca mais te sentirás perturbado, quer acordado, quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens” (EPICURO, 2005, p. 43).

Dimensão da morte

A morte é um enigma para a humanidade. Sua origem pode ser definida como um processo natural de desintegração biológica ou segundo a teologia cristã como consequência de um pecado primevo que se instalou na humanidade. Para André Comte-Sponville (2002, p. 47,48) a morte é um mistério que os filósofos ao longo da história sempre procuram dar uma resposta que pode ser sintetizada em dois âmbitos: primeiro, à morte é vista como um nada; segundo, à morte é interpretada como uma passagem para outra vida.

Podemos incluir o pensamento de Epicuro na lista daqueles que interpretam a morte como um nada. Ele define a morte como privação das sensações. Por isso não podemos fazer nenhum juízo sobre ela. O bem e o mal são manifestações de nossas sensações e morrer é estar destituído delas. Epicuro concluiu que a morte não existe. Primeiro, pelo fato de estarmos vivos, ela está ausente, e segundo, quando ela está presente, estamos ausentes. Nossa atitude em relação à morte não pode ser de desespero, fuga ou medo, mas de indiferença, de algo que não existe e desse modo devemos nos acostumar com essa ideia (EPICURO, 2002, p. 27, 29,31, 33 e 47).

Podemos nesta mesma linha de pensamento assinalar que a filosofia nos dá duas perspectivas sobre a morte: uma serena e outra libertadora. Serena porque

“é preciso pensar a morte para amar melhor a vida – em todo caso, para amá-la como ela é: frágil e passageira –, para apreciá-la melhor, para vivê-la melhor [...]” (ANDRÉ, 2002, p. 53). Libertadora por que:

> Meditar previamente sobre a morte é meditar previamente sobre a liberdade. Quem aprendeu a morrer desaprendeu a se subjugar. Não há nenhum mal na vida para aquele que bem compreendeu que a privação da vida não é um mal. Saber morrer liberta-nos de toda sujeição e imposição (MONTAINGE, 2010, p. 69).

Em seus Ensaios, Montaigne (2010, p. 60) cita Cícero que afirmava: “filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte”.

Dimensão do prazer

Não foram poucas as acusações que Epicuro recebeu em decorrência do seu pensamento sobre o prazer. Seus contemporâneos fizeram várias acusações com relação ao seu comportamento. Tímon (TÍMON *apud* LAÉRTIOS, 2008, p. 283) o denomina como: “Último dos físicos, o mais porco e mais cão, vindo de Samos, mestre-escola, o mais ignorante dos seres vivos”.

Como dizia Aldous Huxley: “Sessenta e quatro mil repetições fazem a verdade” (HUXLEY, 2014, p. 69). Infelizmente quando se fala do epicurismo até os dias de hoje geralmente é com conotações pejorativas e distorcidas. Onde o prazer é definido como desejos, práticas libidinosas e desenfreadas. No dicionário Houaiss por extensão de sentido, as doutrinas de Epicuro ou o epicurismo são definidos como: “o modo de viver, de agir, de quem só busca o prazer; sensualidade, luxúria; (...) desregramento de costumes falta de temperança, devassidão, libertinagem” (HOUAISS, 2009, p. 781).

Contudo, através de testemunhos significativos e de textos sobre o pensamento de Epicuro (LAÉRTIOS, 2008 p. 285) podemos concluir que estas afirmações acima citadas não passam de uma distorção interpretativa do seu pensamento (ONFRAY, 2008, p. 178).

Escrevendo à Meneceu, não só refuta as acusações recebidas, mais apresenta o que é sua filosofia do prazer. Em primeiro lugar, o prazer pode ser definido como o começo e o fim de uma vida feliz. Por este motivo, nossas escolhas são pautadas a partir daquilo que não venha ocasionar sofrimentos físicos e nem perturbações psíquicas. Desse modo o prazer é um bem natural que deve ser

buscado e adquirido desde que não traga sofrimento. O mal também pode se tornar um bem desde que traga benefícios. Epicuro procura avaliar todos os prazeres e sofrimentos, para daí concluir até que ponto estes podem trazer benefícios ou danos (EPICURO, 2002, p. 35, 37, 39).

Em segundo lugar, ele apresenta três formas de desejos que estão relacionados ao prazer. Existem os desejos naturais e necessários, estes têm como função livrar o ser humano do sofrimento, a exemplo da água quando bebida que mata a nossa sede; os desejos naturais e não necessários que são aqueles que oferecem um tipo de prazer variado, a exemplo de alimentos pomposos; por fim, os desejos nem naturais nem necessários, que estavam relacionados ao *status quo*, como recebimentos de coroas, edificação de estátuas em honra própria, etc. (LAÉRTIOS, 2008, p. 319).

Em terceiro lugar, a prudência é a mediadora que torna propício ao filósofo uma busca madura e equilibrada pelo prazer. O prazer e consequentemente uma vida feliz, não se alcança de forma irresponsável e dissoluta. Mais de uma relação de dependência intrínseca, pois: “não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça, e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade” (EPICURO, 2002, p. 45).

Considerações finais

O pensamento de Epicuro constitui-se no que se referem às dimensões da existência humana, mais do que uma sistematização filosófica, mas um projeto de vida, que tem a felicidade como fim último. Por esta razão inferimos o valor e a atualidade de seu pensamento filosófico, tanto para a filosofia, teologia e paras as pesquisas em ciências da religião.

A filosofia para o filósofo do jardim vai além de uma filosofia teórica, ela tem como preocupação última o ser humano. Sua filosofia é salvadora, seu objetivo é libertar o ser humano de seus medos e angústias, e assim oferecer uma vida completa, isto é, a mais plena realização da vida humana que é a felicidade.

Deus para ele não devia ser considerado um determinista, cujo destino dos seres humanos e seus acontecimentos fossem anteriormente traçados em detrimento da liberdade e escolha humana. Na verdade Deus (ou Deuses) era um

paradigma um padrão que todo ser humano deveria buscar: um estado perene de felicidade. E contrariando e invertendo a religião popular e filosófica de sua época e até mesmo de algumas religiões de nossa atualidade, de que a felicidade, a realização plena do ser humano que segundo acreditam está além deste mundo (céu?), para neste sentido viver entre o divino, longe do medo, do sofrimento e da morte.

A filosofia de Epicuro propõe uma religião inversa, que é viver plenamente feliz não entre a habitação dos deuses, mas viver como os deuses entre os homens.

Em relação à morte, nossa atitude não pode ser de desespero, fuga ou medo, mas de indiferença, de algo que não existe, e por isto devemos nos acostumar e viver a partir dessa ideia. A morte não existe. É apenas privação dos sentidos. Primeiro, pelo fato de estarmos vivos, ela (morte) está ausente, e segundo, quando ela (morte) está presente, estamos ausentes.

Por fim, o prazer é o começo e o fim para a plena realização de uma vida feliz. Por este motivo, nossas escolhas são pautadas a partir daquilo que não venha ocasionar sofrimentos físicos e nem perturbações psíquicas.

Diante dos desejos relacionados ao prazer se faz necessário à prudência como mediadora, para propiciar ao ser humano uma busca madura e equilibrada pelo prazer, a fim de ter vida plena, completa – feliz.

Referências

COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade desesperadamente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

EPICURO. **Carta sobre felicidade: (a Meneceu)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUXLEY, Aldous. **Admirável novo mundo**. 22ª ed. São Paulo: Globo, 2014.

LAÉRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

MONTAINGE, Michel de. **Os ensaios: uma seleção**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

ONFRAY, Michel. **Contra-história da filosofia: as sabedorias antigas, I**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

REALE, Giovanni. **Filosofias Helenísticas e Epicurismo: História da Filosofia Grega e Romana, Vol. V**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SPINELLI, Miguel. **Os caminhos de Epicuro**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.